

**QUE CABE À IGREJA FAZER HOJE?
A CONCEPÇÃO DE TEOLOGIA PRÁTICA
EM KARL RAHNER**

Alex Viguera SSSC

RESUMO:

O presente artigo procura aprofundar a concepção de teologia prática (assim ele chama a teologia pastoral) de Karl Rahner. Na primeira parte, fazemos um percurso histórico, assinalando os problemas mais importantes que se apresentaram a respeito da teologia pastoral na reflexão anterior a Rahner: o caráter científico da teologia pastoral, o sujeito da ação pastoral, o caráter escatológico da teologia pastoral, sua fundamentação teológica e seu método. Na segunda parte, analisamos a concepção de teologia prática em Karl Rahner: seu objeto material e formal, seu método centrado na análise científico-teológica da situação presente e suas relações com as outras ciências. Finalmente, fazemos uma análise crítica, assinalando aquilo que nos parece ser a contribuição mais relevante e as fragilidades de sua concepção de teologia prática.

PALAVRAS-CHAVE: pastoral, Igreja, planificação, escatologia, método.

ABSTRACT:

This article seeks to delve into Karl Rahner's conception of practical theology (pastoral theology). The first part is an historical trajectory of pastoral theology, depicting the major problems prior to Rahner: the scientific character of pastoral theology, the personnel of pastoral ministry, the eschatological character of pastoral theology, and its theological foundation and its method. The second part analyses the conception of Rahner's practical theology: his material and formal object, his

method centered on scientific-theological analyses on the present situation and its relation to other sciences. Finally, a critical analysis portraying that which is perceived as the most relevant contribution and the weaknesses of his conception of practical theology.

KEY WORDS: pastoral, Church, planification, eschatology, method.

1. Introdução

Nossa inquietação pelo tema da teologia prática surge por uma necessidade concreta. Há tempo existe uma insatisfação na Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Chile com relação ao modo como se aborda o estudo da pastoral no currículo teológico. Existe uma grande dificuldade para dar ao estudo pastoral uma identidade mais clara. Frequentemente identifica-se com a aprendizagem de coisas práticas, de técnicas pastorais, existindo uma grande lacuna no âmbito da pastoral fundamental. No fundo, o problema é não saber bem como articular o estudo pastoral no currículo teológico global. Esta dificuldade levou muitas vezes a que a formação teológico-pastoral fique ao encargo do próprio estudante no espaço extra-universitário.

Estas dificuldades levaram-nos a aprofundar o nível mais fundamental da teologia pastoral, na convicção de que o problema de fundo tem a ver com a identidade da teologia pastoral no conjunto das ciências teológicas.

Imersos nesta busca, percebemos que a contribuição de Karl Rahner é especialmente significativa por sua contundência argumentativa, por seu esforço em levar a sério os principais problemas que a história desta disciplina teológica suscitou, pela criatividade no modo de compreender a teologia pastoral.

Adentrar-nos nesta concepção de teologia prática (que é como Rahner chama a teologia pastoral) significa aprofundar questões realmente fundamentais para a tarefa teológica e para a vida da Igreja hoje. Significa também entrar em um âmbito do pensamento de Karl Rahner que – na nossa opinião – não foi muito estudado no contexto latino-americano.

O presente artigo está dividido em três partes. Na primeira percorremos a história, assinalando os problemas mais importantes que se apresentaram a respeito da teologia pastoral na reflexão anterior a Rahner, começando por Stephan Rautenstrauch e chegando a Franz Xaver Arnold. Na segunda parte, analisamos a concepção de teologia prática em Karl Rahner: seu objeto, seu método e suas relações com as outras ciências. Finalmente, fazemos uma análise crítica, assinalando o que nos parece ser a contribuição mais relevante e as fragilidades de sua concepção de teologia prática.

2. Os principais problemas diante dos quais Rahner situa-se

A reflexão de Rahner a respeito da teologia prática deve ser situada no contexto de uma história que começa nos finais do século XVIII, quando a teologia pastoral¹ é instituída como disciplina universitária. Sua concepção de teologia prática quer ser uma resposta às perguntas e aos problemas mais importantes suscitados na reflexão sobre esta teologia pastoral, desenvolvida especialmente nos países de língua alemã.

Faremos referência aqui a cinco problemas que parecem mais importantes para contextualizar adequadamente a reflexão de Rahner:

2.1. O caráter científico da teologia pastoral

Em agosto de 1774, é posto em vigor o plano de reforma dos estudos teológicos elaborado pelo canonista beneditino, diretor da faculdade de teologia de Viena, **Stephan Rautenstrauch** (1734-1785), intitulado *Projeto para uma melhor organização das escolas de teologia*². Essa é a data que marca o nascimento da teologia pastoral como disciplina universitária. Este projeto pretende uma reorganização de todos os estudos teológicos com o fim de imprimir-lhes um caráter decisivamente pastoral. A teologia pastoral – no esquema do projeto – é estudada no quinto e último ano dos estudos teológicos. Rautenstrauch compreende esta disciplina como “o ensino sistemático dos deveres do ministério pastoral”³. Através dela buscava-se preparar melhor os futuros sacerdotes para a prática pastoral concreta.

O projeto de Rautenstrauch nasce do inconformismo diante da forma com que eram preparados os futuros sacerdotes nas faculdades de teologia. Já desde meados do século XVII, a teologia tinha-se distanciado cada vez mais da práxis e se tinha transformado em um exercício quase puramente especulativo. A teologia escolástica foi perdendo contato com a vida con-

¹ Na apresentação do pensamento dos autores anteriores a Rahner, falaremos sempre de teologia “pastoral”. A partir de Friedrich Schleiermacher, Anton Graf e, sobretudo em Rahner, falaremos de teologia “prática”. Mais adiante explicaremos as razões desta mudança.

² Cf. J. MÜLLER, “Die Pastoraltheologie innerhalb des theologischen Gesamtkonzepts von Stephan Rautenstrauch (1774)”, in: F. KLOSTERMANN- R. ZERFAß (eds.), *Praktische Theologie heute*. München-Mainz: Kaiser- Grünwald 1974 [daqui em diante citaremos com a sigla PThh], 42-51; 43.

³ S. RAUTENSTRAUCH, *Entwurf einer besseren Einrichtung theologischer Schulen*, cit. in: B. SEVESO, “Teología pastoral”, *Diccionario teológico interdisciplinar*, I. Salamanca: Sígueme 1982, pp. 84-94; 85.

⁴ Cf. A. EXELER – N. METTE, “Das Theorie-Praxis-Problem in der praktischen Theologie des 18. und 19. Jahrhunderts”. PThh, pp. 65-80; 68.

creta da Igreja e do mundo⁴. A Ilustração questiona radicalmente esta situação e propõe o desafio de levar mais a sério a práxis pastoral, “dar uma resposta compreensível e crível às perguntas apresentadas nesse momento, formulada na linguagem e na forma de pensamento desse tempo”⁵. A partir daí, o desafio é preparar melhor o clero para a práxis pastoral concreta, numa formação que integre adequadamente a teoria e a práxis.

Para ser incluída como disciplina teológica no currículo universitário, a teologia pastoral devia ser justificada como ciência. Esta intenção de cientificidade está presente no projeto de Rautenstrauch, pois a preparação para a práxis pastoral do clero através da nova disciplina tinha que ser com um melhor método e com novas formas didáticas. A respeito disso, Josef Müller afirma: “O plano de Rautenstrauch claramente orientado à práxis, não significa de modo algum uma supressão da ‘cientificidade’, mas sim que ele apresenta, ao contrário, a exigência de um saber empiricamente supervisionável e historicamente comprovável”⁶.

Contudo, a teologia pastoral de Rautenstrauch é marcada por um forte pragmatismo. Ela é antes um receituário prático para a pastoral do clero sem base teórica. Como afirma Casiano Floristán, “a teologia pastoral desta época é mais arte do que ciência, mais receita canônica do que teologia”⁷.

Uma nova tentativa de afirmar a cientificidade da teologia pastoral é o que **Friedrich Schleiermacher** (1768-1836), teólogo protestante, decano da universidade de Halle⁸, leva adiante. Em sua *Breve apresentação dos estudos teológicos redigida como lições introdutórias*⁹, posiciona-se diante do questionamento que Kant (em 1798) e Fichte (em 1807) fazem à teologia. Kant questionou o lugar da teologia no âmbito universitário, pois ela não seria propriamente ciência por não ter aceso à verdade absoluta. Fichte, por sua vez, sustentava que somente podia ter lugar na universidade uma teologia “laica”, ou seja, uma teologia que renunciava a ter como fundamento a fé em uma revelação positiva¹⁰. Schleiermacher utiliza o esquema apresentado por Schelling¹¹ que dividia as ciências em “puras” ou de primeira ordem, e “práticas”, ou de segunda ordem. As ciências puras, como a filosofia da natureza e a ética, ocupam-se da

⁵ *Ibidem*.

⁶ MÜLLER, Die Pastoraltheologie innerhalb, *op. cit.*, PThh, p. 46.

⁷ C. FLORISTÁN, *Teología práctica: teología y praxis de la acción pastoral*, Salamanca: Sígueme 1991, p. 110.

⁸ Para as informações que apresentamos a seguir sobre o questionamento apresentado por Kant e Fichte, cf. S. LANZA, *Introduzione alla Teologia dell'azione ecclesiale*, Brescia: Queriniana, 1989, pp. 42-44.

⁹ F. SCHLEIERMACHER, *Kurze Darstellung des theologischen Studiums zum Behuf einleitender Vorlesungen entworfen*, Leipzig, 1811. Cf. *ibid.*, nota 22, p. 44.

¹⁰ Cf. *ibidem*, p. 43.

¹¹ Em sua obra *Vorlesungen über die Methode des akademischen Studiums*, 1802. Cf. *ibidem*, nota 18, p. 43.

verdade absoluta; ao passo que as ciências práticas têm como objeto a obtenção da finalidade própria e concreta da existência humana, renunciando à busca da verdade absoluta¹².

Para Schleiermacher o fim prático é o princípio constitutivo da teologia e, em relação a isto, distingue a “direção da Igreja” (*Kirchenleitung*), como dimensão espiritual e ideal, do “governo eclesiástico” (*Kirchenregiment*), que se desenvolve em um âmbito mais político. Deste modo a teologia assume um caráter essencialmente funcional como ciência positiva a serviço de um saber prático; ela se ocupa da direção da Igreja¹³. Ele define a teologia prática do seguinte modo: “O fim da direção de uma Igreja cristã é, de um ponto de vista extensivo e intensivo, a coesão e a formação; o saber que tem a ver com tal atividade constitui-se em uma técnica que [...] chamamos com o termo teologia prática”¹⁴.

A teologia prática existe pelo interesse prático da direção da Igreja, associado ao interesse científico. Para Schleiermacher ela é ciência, pois não se trata de um mero instrumental prático, mas sim de uma metodologia no sentido mais alto do termo. Ela deve determinar o procedimento a ser seguido para realizar efetivamente as tarefas eclesiais (a definição destas tarefas é competência da teologia filosófica e histórica), deve verificar a relação entre os fins perseguidos e os meios empregados¹⁵. Os imperativos pastorais ou “regras de arte em sentido estrito” – como ele chama – não podem ser simplesmente deduzidos do pensamento doutrinal, mas nascem da confrontação com a práxis concreta. Para Schleiermacher a teologia prática é uma “técnica” no sentido mais antigo do conceito, como uma ação que reflete e não uma ação compreendida como simples aplicação de princípios obtidos na reflexão doutrinal¹⁶.

Não há dúvida de que a posição de Schleiermacher representa um avanço em relação a Rautenstrauch, no modo de compreender a cientificidade da teologia pastoral, enquanto exercício refletido da ação pastoral e não mera aplicação prática de princípios doutrinários. Entretanto, na concessão que faz à crítica ilustrada, estabelece-se um corte radical entre teologia pastoral e interesse teórico, sendo assim questionado o estatuto teórico da teologia pastoral; dela exige-se (por parte das outras disciplinas teológicas) um papel puramente prático.

Anton Graf (1814-1867), teólogo católico da Universidad de Tübingen, em

¹² Cf. *ibidem*, p. 43.

¹³ Cf. M. MIDALI, *Teologia pastorale o pratica: Cammino storico di una riflessione fondante e scientifica*, Roma: LAS, 1985, pp. 26-27.

¹⁴ SCHLEIERMACHER, *Kurze Darstellung*, op. cit. in MIDALI, *Teologia pastorale*, op. cit., p. 27.

¹⁵ Cf. MIDALI: *idem*.

¹⁶ Cf. LANZA, *Introduzione alla Teologia.*, op. cit., p. 50.

¹⁷ A. GRAF, *Kritische Darstellung des gegenwärtigen Zustandes der praktischen Theologie*, Tübingen, 1841. Estes dados encontram-se em: K. RAHNER, “*Pastoraltheologie - ein Überblick*”. In: *Sämtliche Werke* 19. Düsseldorf - Freiburg: Benzinger – Herder, 1995 [doravante citaremos esta obra de Rahner com a sigla SW 19], pp. 3-29; 4.

sua *Apresentação crítica do estado atual da teologia prática*¹⁷, reage diante desta falta de cientificidade da teologia pastoral, tomando posição especialmente com relação à posição de Schleiermacher. Ele quer superar dois extremos: “O empirismo puro, ou seja, a insistência unilateral na experiência e na práxis, mas também a concepção da teologia prática pelo caminho da especulação”¹⁸.

Crítica especialmente as concepções teológico-pastorais que, por ter a própria práxis como norma de conduta, não podem situar-se diante dela de modo crítico e acabam sendo escravas da própria práxis¹⁹. Estas posições a respeito da teologia pastoral, anteriores e contemporâneas a ele, devem ser consideradas acientíficas, pois não apresentam uma síntese lógica em um sistema, além de seus conhecimentos serem casuais, subjetivos e de acordo com a moda²⁰.

Graf divide o conjunto da teologia em três partes²¹: Em primeiro lugar, a teologia bíblica e a histórica que são a consciência da origem e do desenvolvimento da Igreja até hoje; em segundo lugar, a dogmática e a moral como a consciência a respeito do verdadeiro ser da Igreja, divino e imutável e, em terceiro lugar, a teologia prática como “a autoconsciência científica da Igreja que se auto-edifica em direção ao futuro”²². A partir desta definição, sustenta que a teologia prática existe pela própria essência da Igreja como realidade que se autoconstrói em direção ao futuro e não somente pelo interesse subjetivo do teólogo que uma hora é teórico (na dogmática) e outra hora prático (na teologia prática)²³. Na teologia prática estão presentes, ao mesmo tempo, o interesse teórico e o interesse prático. A teologia prática é necessária na teologia porque a autoconstrução (*Selbsterbauung*) da Igreja em direção ao futuro é um dos três modos como a Igreja se apresenta à reflexão teórica²⁴. A diferenciação entre um terreno prático e um teórico na teologia somente é legítima porque na teologia teórica domina o interesse teórico e na teologia prática o interesse prático, mas não porque se dê um âmbito exclusivo para cada interesse que exclua o outro. Portanto – como afirma Schuster comentando Graf – “a teologia prática não pode deixar de ser teórica. Somente assim ela pode ser chama-

¹⁸ EXELER – METTE, *Das Theorie-Praxis-Problem*, op. cit., PThh, p. 72.

¹⁹ Cf. *ibidem*, p. 75.

²⁰ Cf. W. STECK, “Friedrich Schleiermacher und Anton Graf - eine ökumenische Konstellation praktischer Theologie?”, PThh, pp. 27-41; 32-33.

²¹ Cf. *ibidem*, p. 32.

²² “Das wissenschaftliche Selbstbewußtsein der sich selbst in die Zukunft erbauenden Kirche”. Cit. in: K. RAHNER, “Pastoraltheologie - ein Überblick”, SW 19, 4.

²³ Cf. STECK, *F. Schleiermacher und A. Graf*, op. cit., PThh, p. 37.

²⁴ Cf. EXELER- METTE, *Das Theorie-Praxis-Problem*, op. cit. PThh, p. 72.

²⁵ H. SCHUSTER, “Die Geschichte der Pastoraltheologie”. In: K. RAHNER - F. ARNOLD - V. SCHURR - L. WEBER (eds.), *Handbuch der Pastoraltheologie. Praktische Theologie der Kirche in ihrer Gegenwart I*, Freiburg: Herder, 1970², pp. 42-92; 58.

da com propriedade uma ciência teológica”²⁵. Além disso, é ciência porque busca um saber unitário e sistemático que supere a fragmentação e o subjetivismo das teologias pastorais anteriores²⁶.

A contribuição de Anton Graf é muito significativa na compreensão da teologia prática como ciência. Ele revela os perigos de uma teologia pastoral que se limita ao âmbito puramente prático e que não leva em conta seu estatuto teórico, especialmente pelo lado da incapacidade de um olhar crítico à práxis da Igreja. Entretanto, esta posição de Graf não foi acolhida suficientemente pelos pastoralistas posteriores, e encontramos já em **J. Amberger** (1816-1889)²⁷, discípulo de Graf, uma volta à compreensão da teologia pastoral como disciplina que somente dá instruções para a práxis; uma disciplina pensada para a regulamentação casuística da pastoral do clero²⁸. A posição de Graf será retomada por Karl Rahner como ponto de partida para fundamentar sua própria concepção de teologia pastoral.

2.2. O sujeito da ação pastoral

Dentre os problemas que percorrem a história da teologia pastoral, há um que está relacionado com o sujeito da ação pastoral. Na maioria das vezes, este sujeito é identificado exclusivamente com o clero. Este ponto é particularmente importante na passagem de uma teologia “pastoral” a uma teologia “prática”.

A teologia pastoral de **Rautenstrauch** está dividida em três partes, correspondentes aos três deveres fundamentais da cura de almas: a primeira parte diz respeito ao dever de ensinar; trata-se de propor uma apresentação da dogmática e da moral que seja acessível às pessoas comuns; a segunda parte, é relativa ao dever de administrar os sacramentos; e a terceira, refere-se ao dever de edificar os fiéis e trata do comportamento pessoal e público do pastor de almas²⁹. Deste modo, somente o pastor ou sacerdote é objeto de estudo desta teologia pastoral nascente. A Igreja autocompreendia-se nessa época como um poder moral, e os clérigos eram os que se ocupavam da instrução do povo, da ordem e decoro moral e do cuidado da vida religiosa tradicional³⁰.

Schleiermacher concebe a Igreja como uma comunidade formada por uma “elite” e uma “massa”. A elite é que está encarregada da direção e animação da comunidade, e, ao mesmo tempo, da constante purificação

²⁶ Cf. MIDALI, *Teologia pastorale*, op. cit., p. 34.

²⁷ Sua principal obra intitula-se: *Pastoraltheologie* I-III, Regensburg, 1850-1857.

²⁸ Cf. K. RAHNER, “*Pastoraltheologie - ein Überblick*”, op. cit., in SW 19, p. 5.

²⁹ Cf. B. SEVESO: “*Teologia pastoral*”. In: *Diccionario teológico interdisciplinar* I. Salamanca: Sígueme, 1982, pp. 84-94; 85.

³⁰ Cf. K. RAHNER, “*Pastoraltheologie - ein Überblick*”, op. cit., SW 19, p. 4.

evangélica. Entre elite e massa deve existir uma circulação no plano das idéias³¹. Para ele “a teologia prática preside tal circulação ordenada entre elite e massa, tanto na direção da Igreja em nível local, quanto no nível do governo eclesiástico em sua totalidade”³².

A teologia não é própria de todos os que fazem parte da Igreja, mas somente daquela elite que participa da direção da Igreja. Ainda que esta elite, para Schleiermacher, não represente exclusivamente os pastores, a divisão radical da Igreja entre elite e massa significa, em definitivo, um novo estreitamento do sujeito da ação pastoral, e a teologia prática corre novamente o risco de ficar reduzida à descrição do ofício dos pastores³³.

Na teologia prática de **Graf**, outra categoria fundamental – além da cientificidade que analisamos acima – é a eclesialidade. Ele pensa a Igreja como um conjunto orgânico, como sujeito ativo, toda ela responsável por sua própria vida e desenvolvimento. Portanto, o âmbito pastoral que leva em consideração esta disciplina teológica já não é somente o clero, ou uma elite encarregada da direção da Igreja, mas sim a Igreja como totalidade³⁴. Com o nome de teologia “prática” (que toma de Schleiermacher) em vez de teologia “pastoral”, “Graf quer superar a perspectiva clerical da manualística precedente [...]; e quer marcar, por outro lado, que o sujeito da ação é a Igreja em sua globalidade”³⁵.

Amberger tentou – sem êxito – continuar a proposta eclesiológica de seu mestre Graf. Dividiu a teologia prática em direito canônico, entendido como “as normas segundo as quais a Igreja constrói-se ininterruptamente mediante forças colocadas nela pelo Espírito de Deus para educar os povos na salvação eterna”³⁶, e teologia pastoral, que se ocupa do desenvolvimento das atividades concretas para conseguir este objetivo. Nesta divisão e no tratamento privilegiado que dá ao direito canônico, a figura do pastor é vista como mediador entre o céu e a comunidade, e a atividade eclesial manifesta-se de modo privilegiado em seu ministério pastoral. Por isso se reduz a teologia pastoral, novamente, à exposição da atividade dos pastores, estreitando-se o horizonte eclesiológico aberto por Graf³⁷. Rahner retomará criativamente este horizonte como base de sua concepção de teologia prática.

2.3. O caráter escatológico da teologia pastoral

O projeto de reforma dos estudos teológicos levado a cabo por **Stephan Rautenstrauch**, que marca o início da teologia pastoral como disciplina

³¹ Cf. MIDALI, *Teologia pastorale*, op. cit., pp.27-28.

³² *Ibidem*, p. 28.

³³ Cf. *ibidem*, pp. 28-29.

³⁴ Cf. RAHNER, “*Pastoraltheologie - ein Überblick*”, op. cit., SW 19, p. 5.

³⁵ MIDALI, *Teologia pastorale*, op. cit., p. 34.

³⁶ AMBERGER, *Pastoraltheologie*, op. cit., in: SEVESO, *Teologia pastoral*, op. cit., p. 87.

³⁷ Cf. SEVESO, *Teologia pastoral*, op. cit. p. 87.

universitária, foi realizado por encargo da imperatriz Maria Teresa da Áustria³⁸. O objetivo desta reforma não era somente a formação de pastores melhor preparados para exercer os deveres propriamente religiosos, mas também a formação de bons cooperadores do Estado. O Estado via no clero os mestres do povo, através dos quais era possível levar a cabo a Ilustração nacional. Para Rautenstrauch, o pastor de almas tem que esforçar-se “através de seu ensinamento, em formar não somente bons cristãos, mas também bons cidadãos para o Estado e verdadeiros filantropos para a sociedade humana”³⁹.

Assim, a teologia pastoral de Rautenstrauch é marcada por uma absolutização da práxis eclesial existente, sem possibilidade de assumir uma postura crítica diante dela e com o evidente perigo de cair na mera ideologia. Inexiste nela o horizonte escatológico.

Juan Noemi, comentando a teologia pastoral de Rautenstrauch, afirma: “A insignificância teológica do pragmatismo e a carolice, contudo, não é a pior conseqüência de uma teologia pastoral que absolutiza a realidade presente da Igreja e abstrai de sua dimensão futura; ainda pior é o perigo de que a teologia degenera em mera ideologia, ou seja, na absolutização tosca e acrítica de determinadas estruturas de poder vigentes em um momento determinado. O caso de Rautenstrauch é patente, já que desenha uma teologia pastoral a serviço dos príncipes e da imperatriz”⁴⁰.

A recuperação do horizonte escatológico, a partir do qual é possível um olhar crítico de uma teologia pastoral que se transforma em uma justificação teológica da práxis existente, vai acontecer apenas na concepção de teologia prática de **Anton Graf**.

É interessante notar que os comentaristas de Graf destacam em sua concepção de teologia prática os traços de cientificidade e eclesialidade, mas a dimensão escatológica de sua teologia é pouco comentada. De sua definição de teologia prática como “a autoconsciência científica da Igreja que se auto-edifica em direção ao futuro”, acolhe-se a primeira parte do enunciado como uma grande contribuição, deixando-se em plano secundário a segunda: **em direção ao futuro**.

Na divisão da teologia feita por Graf em teologia bíblica e histórica, teologia dogmática e teologia prática, o específico desta última é ter como objeto de reflexão a Igreja enquanto se auto-edifica em direção ao futuro. “É precisamente – afirma J. Noemi – esta referência à Igreja ‘no futuro’ como algo

³⁸ Cf. MIDALI, *Teologia pastorale*, op. cit., p. 9.

³⁹ RAUTENSTRAUCH, *Entwurf*, op. cit., p. 37, cit. in A. MÜLLER, “*Praktische Theologie zwischen Kirche und Gesellschaft*”, op. cit., PThh, pp. 15-26; 17.

⁴⁰ J. NOEMI, “*Rasgos, imperativos y desafíos*”, in: J. NOEMI – F. CASTILLO: *Teología latinoamericana*, Santiago: Centro Ecueménico Diego de Medellín, 1998, pp. 11-93; 78.

⁴¹ NOEMI, *Rasgos, imperativos y desafíos*, op. cit., p. 78.

próprio da teologia prática a grande novidade que Graf introduz⁴¹.

Para Noemi, o horizonte escatológico aberto por Graf é de vital importância, pois somente uma teologia prática enquanto escatológica pode ser realmente pastoral. Compreender a proposta de Graf a partir deste ângulo é um momento-chave para adentrar-nos na concepção de teologia prática em Karl Rahner⁴².

2.4. A fundamentação teológica da teologia pastoral

Johan Michael Sailer (1715-1832), teólogo católico da Universidad de Tübingen, em sua obra *Lições sobre teologia pastoral*⁴³, reagiu à imagem de pastor e pastoral desenhada por Rautenstrauch, especialmente em seu traço josefinista, e esforçou-se por fundamentar melhor a teologia pastoral a partir do ponto de vista bíblico-teológico⁴⁴. Casiano Floristán sintetiza: “Do problema pedagógico do *como*, Sailer passa ao exame do *quê* ou conteúdo kerigmático⁴⁵. A partir da Escritura, Sailer fundamenta e recupera a imagem bíblica de Igreja. Para ele a Igreja representa e realiza a reunião de toda a humanidade feita por Cristo, e que continua no Espírito Santo⁴⁶. Ela é Corpo de Cristo que vive internamente e expressa externamente esta comunhão entre os homens e destes com Deus. Esta comunhão é a plenitude da história da salvação na qual Deus-amor, em Cristo, revela-se como salvação do mundo em pecado⁴⁷. Para Sailer, o pastor não é simplesmente mestre de religião, servidor da autoridade religiosa e civil, encarregado da ordem moral, mas sim servidor de Cristo e da Igreja, formado segundo o Espírito. Esta orientação bíblico-teológica supera amplamente a orientação antropocêntrica da manualística de seu tempo, marcada fortemente pela Ilustração⁴⁸.

Anton Graf também busca distanciar-se da manualística clássica e aprofunda a fundamentação cristológica da ação pastoral. A teologia prática não pode ficar somente no ofício do pastor; ao contrário, deve ir ao fundamento, para mostrar como tudo tem sua origem no ser e na vontade de Cristo; deve refletir como, Cristo primeiramente, e, depois dele, a Igreja, querem e realizam a meta do projeto divino de salvação⁴⁹. A ação pastoral deve ser sempre confrontada com Cristo através da ação do Espírito. Graf quer garantir a autonomia da Igreja em relação ao Estado revelando sua constituição sobrenatural mais íntima.

⁴² Cf. *ibidem*, p. 77.

⁴³ J.M SAILER, *Vorlesungen aus der Pastoraltheologie* I-III, München 1788-1789.

⁴⁴ K. RAHNER, “*Pastoraltheologie - ein Überblick*”, SW 19, p. 4.

⁴⁵ FLORISTÁN, *Teología práctica*, *op. cit.*, p. 110 [grifo do autor]

⁴⁶ SEVESO, *Teología pastoral*, *op. cit.*, p. 86.

⁴⁷ MIDALI, *Teologia pastorale*, *op. cit.*, p. 23.

⁴⁸ Cf. *ibidem*, p. 24.

⁴⁹ STECK, *F. Schleiermacher und A. Graf*, *op. cit.*, PThh, pp. 33-34.

Na fundamentação teológica da teologia pastoral é especialmente significativa a contribuição de **Franz Xaver Arnold** (1898-1969), teólogo católico da Universidade de Tübingen. Ele retoma a orientação eclesiológica e teológica da teologia prática de Graf. Arnold reage à falta de um quadro teológico para definir a ação pastoral, que a liberte do risco de transformar-se em ideologia e da contaminação com as idéias da filosofia e da Ilustração, e lhe permita retomar sua dimensão evangélica e profética⁵⁰. Rechaça, por um lado, o “naturalismo pastoral”, característico de pastorais de orientação iluminista, que se esquecem de que a Igreja é somente mediadora da salvação, atribuindo a ela a capacidade de levar a cabo, com suas próprias forças, o processo de salvação, transformando-se em uma ação pastoral que perde sua dimensão teológica. Rechaça, por outro lado, o “quietismo pastoral”, característico de concepções pastorais que atendem mais ao aspecto sobrenatural da salvação, deixando de lado a contribuição de cada pessoa no acontecimento salvífico; a instituição e o sobrenatural absorvem o indivíduo, que pareceria não ter nenhum lugar fundamental no processo de salvação, levando-o a assumir uma atitude passiva⁵¹. Arnold acolhe a crítica que a “teologia kerigmática” faz à dogmática no sentido de não ser adequada para a pastoral por seu caráter quase exclusivamente especulativo, mas consegue superar o paralelismo com que a teologia kerigmática resolveu a relação entre dogmática e pastoral⁵². Por isso, quer aprofundar na estrutura específica do acontecimento pastoral e, a partir dessa compreensão, na natureza específica da teologia pastoral.

Arnold procura elaborar uma teologia pastoral que, tanto em sua elaboração teórica, quanto em sua aplicação prática, seja expressão de uma teologia ancorada no conjunto da revelação e não em função de fatos contingentes. Para compreender mais claramente a natureza da ação pastoral, distingue entre “processo de salvação” (*Heilsprozess*) e “mediação de salvação” (*Heilsvermittlung*). O primeiro refere-se à realização concreta da intervenção salvífica de Deus, entendida como comunhão de Deus mesmo com a pessoa humana que acolhe este dom na fé; neste processo de salvação, Deus é o protagonista absoluto. A segunda refere-se à ação pastoral da Igreja, entendida como um instrumento na ativação e incrementação do processo de salvação. Portanto, não se pode confundir ação pastoral e processo de salvação. Uma correta compreensão da atividade pastoral é a que respeita a distinção, sem confusão, destes dois planos de causalidade: principal (Deus) e instrumental (Igreja), que, apesar de serem distintos, sustentam-se e se completam mutuamente⁵³.

⁵⁰ Cf. *ibidem*, p. 30.

⁵¹ MIDALI, *Teologia pastorale*, *op. cit.*, p. 70.

⁵² Uma síntese compacta da história da “teologia kerigmática” in: A. BENTUÉ, “*La pastoral como categoría teológica fundamental*”. *Teología y Vida* 36 (1995), 7-20; 8-9.

⁵³ Cf. MIDALI, *Teologia pastorale*, *op. cit.*, pp. 69-70.

No “princípio divino-humano” (*das Gott-menschliche Prinzip*), o “princípio teândrico” de Calcedônia, Arnold encontra o critério que fundamenta a natureza de toda ação pastoral. Em Jesus Cristo, a união de amor entre Deus e a humanidade fez-se real e permanente; nele e a partir dele, as realidades divina e a humana não são mais alheias, mas sim vinculadas, o que é mais profundo; deste modo, Jesus Cristo “está na origem da atividade pastoral da Igreja, como modelo no qual tem que se basear qualquer outra mediação e como fundamento do qual deriva seu sentido”⁵⁴.

A ação pastoral, portanto, deve estar sempre em relação com o Deus que salva e, ao mesmo tempo, em relação com o ser humano que é salvo. Isto significa, em sentido positivo, uma atitude de fidelidade a Deus e à humanidade que não se colocam mais em uma relação de competição, mas sim de colaboração e diálogo; e, em sentido negativo, significa que a ação pastoral nunca pode absolutizar um dos fatores em prejuízo do outro, pois cairia inevitavelmente no antropocentrismo que leva ao “naturalismo pastoral” ou no teocentrismo que conduz ao “quietismo pastoral”. Mais concretamente, isto quer dizer que a teologia pastoral deve estar sempre, por um lado, em referência à cristologia e à soteriologia e, por outro, em referência à história concreta⁵⁵. Ela deve “estar simultaneamente por completo na revelação e por inteiro no tempo”⁵⁶.

A obra de Arnold – na opinião de M. Midali – tem o mérito de ter dado à teologia pastoral uma conformação teológica mais sólida, libertando-a da forte marca iluminista. Sua proposta busca aprofundar o estatuto epistemológico da teologia pastoral, ao definir seu objeto próprio – que toma de Graf – (a auto-edificação da Igreja em direção ao futuro) e seu próprio princípio teológico formal (o princípio divino-humano). Suas intuições são uma base importante para o debate teológico-pastoral do pós-guerra⁵⁷.

2.5. Necessidade de explicitar o método da teologia pastoral

Apesar da consistência das contribuições de **Anton Graf** e **Franz Xaver Arnold** na clarificação dos aspectos teológico e epistemológico da teologia prática, em ambos não encontramos uma explicitação do método. Tem-se a impressão de que no centro de sua preocupação está a fundamentação da natureza da ação pastoral, mas não a forma operativa com a qual se leva a cabo a reflexão teológico-pastoral. O acento é colocado na definição do *que* é a teologia prática, descuidando o *como* se faz teologia prática.

Estes cinco problemas, parece-nos, são os que estão no fundo da reflexão de Rahner, como perguntas às quais tenta responder. Não há dúvida de que

⁵⁴ SEVESO, *Teología pastoral*, op. cit., p. 89.

⁵⁵ Cf. MIDALI, *Teologia pastorale*, op. cit., pp. 71-72.

⁵⁶ F. X. ARNOLD, *Glaubensverkündigung und Glaubensgemeinschaft*. Düsseldorf, 1955. Cit. in SEVESO, *Teología pastoral*, op. cit., p. 90.

⁵⁷ Cf. MIDALI, *Teologia pastorale*, op. cit., pp. 73-74.

Graf e Arnold deram passos decisivos na configuração da teologia prática como ciência teológica, mas ainda se apresentam algumas dificuldades.

No caso de Graf – segundo R. Marlé – a orientação eclesiológica de sua teologia prática corre o risco de ser sua única especificidade como disciplina teológica própria, chegando a ser, em última análise, somente uma variante da eclesiologia sistemática desenvolvida pela escola de Tübingen⁵⁸. Parece-nos que esta crítica tem que ver com a pouca atenção que se dá ao horizonte escatológico da teologia prática em Graf e, por isso, confunde-se com a eclesiologia. Fica pendente, portanto, uma melhor delimitação do objeto da teologia prática, que a diferencie claramente da eclesiologia dogmática.

Por outro lado, na confrontação da teologia prática de Graf com as teologias pastorais na linha de Rautenstrauch e sobretudo com a teologia prática de Schleiermacher, chega-se a uma desvalorização da experiência como lugar da verdade⁵⁹. Para Graf, o método da teologia prática é finalmente dedutivo, pois a teologia prática deve estar orientada à práxis, mais do que proceder dela. Nesse sentido ele afirma: “Em primeiro lugar, deve-se considerar mais de perto o geral e o abstrato e em seguida se desenvolve para o concreto e suas articulações”⁶⁰. Em todo caso, falta uma maior explicitação de como se dá a relação entre teoria e práxis.

Do mesmo modo, no posicionamento teológico-pastoral de Arnold, não fica claro como se articulam as duas ordens de causalidade⁶¹, o principal e o instrumental, ou seja, como a teologia prática deve fazer para estar por inteiro e, ao mesmo tempo, na revelação e na história.

Na segunda parte deste artigo, através do estudo da concepção de teologia prática em Rahner, queremos ver em que medida ele avança no esclarecimento destas questões pendentes.

3. A concepção de teologia prática em Karl Rahner

Deter-nos-emos, agora, na análise do que Rahner entende por teologia prá-

⁵⁸ R. MARLÉ, *Le projet de théologie pratique*, Paris: Beauchesne, 1979, p. 74.

⁵⁹ Cf. LANZA, *Introduzione alla Teologia*, op. cit. p. 56.

⁶⁰ GRAF, *Kritische Darstellung*, op. cit., cit. en: STECK, “F. Schleiermacher und A. Graf...”, PThh, p. 65.

⁶¹ Cf. SEVESO, *Teología pastoral*, op. cit., p. 89.

⁶² K. RAHNER - F. ARNOLD - V. SCHURR - L. WEBER (eds.), *Handbuch der Pastoraltheologie. Praktische Theologie der Kirche in ihrer Gegenwart* I-III, Freiburg: Herder I, 1970²; II/1, 1971²; II/2, 1971²; III, 1970²; K. RAHNER - V. SCHURR - L. WEBER - F. KLOSTERMANN (eds.), *Handbuch der Pastoraltheologie* IV, Freiburg: Herder, 1969 [doravante citaremos esta obra com a sigla HPth]. e como complemento: K. RAHNER- F. KLOSTERMANN- H.SCHILD (eds.), *Lexikon der Pastoraltheologie*, Freiburg: Herder, 1972.

tica. Esta concepção de teologia prática é o eixo articulador da obra coletiva intitulada *Handbuch der Pastoraltheologie*⁶².

Esta extensa obra nasceu de uma série de motivações convergentes⁶³. Em primeiro lugar, as significativas mudanças socioculturais que adquirem caráter mundial e que têm um significado fundamental para a ação da Igreja; em segundo lugar, a nova autocompreensão da Igreja emanada do Concílio Vaticano II; e, em terceiro lugar, a necessidade de uma estratégia global da Igreja para responder aos novos desafios, que supere a simples tática pastoral do pároco considerado individualmente, e que supere também uma pastoral caracterizada pela improvisação. Todo o *Handbuch* é um esforço para responder à pergunta **“O que tem que fazer a Igreja hoje?”**⁶⁴. Esta obra quer ser não somente um trabalho de reflexão, mas sim um serviço à práxis concreta da Igreja.

A concepção de teologia prática em Rahner estrutura-se em continuidade com a posição de Anton Graf. Dele toma o nome de teologia “prática” em lugar de teologia “pastoral”⁶⁵. Retoma, também de Graf, o princípio eclesiológico: “auto-edificação da Igreja”, que substitui pelo de “auto-realização da Igreja” (*Selbstvollzug der Kirche*)⁶⁶. Este princípio eclesiológico vai ser o princípio estruturador de sua concepção de teologia prática.

Analisaremos a concepção de teologia prática de Rahner em cinco momentos: seu objeto específico, a análise teológica da situação presente, a finalidade da teologia prática, suas relações com as outras ciências e, finalmente, sua cientificidade.

3.1. O objeto da teologia prática

Rahner dá a seguinte definição de teologia prática: “A teologia pastoral ou teologia prática é entendida como aquela ciência teológica (isto é, derivada das fontes da revelação, normada pelo magistério, que procede metodicamente, construída sistematicamente e que utiliza os conhecimentos profanos como qualquer outra disciplina teológica) que *sobre a base de uma análise científica e - mais especificamente, teológica - da situação concreta (e não contemplada ainda adequadamente no aspecto jurídico) atual da*

⁶³ Cf. RAHNER- ARNOLD- SCHURR- WEBER, “Vorwort zum der HPth I (1964)”, SW 19, p. 535.

⁶⁴ *Idem.*

⁶⁵ Ainda que Schleiermacher utilize já o nome de teologia “prática”, com isso não está querendo tomar distância da concepção clerical evocada pelo adjetivo “pastoral”. O adjetivo “prática” em Schleiermacher diz respeito mais ao tipo de interesse principal que está presente nesta disciplina.

⁶⁶ A substituição do substantivo alemão *Erbauung* por *Vollzug* é importante, pois este último dá a entender algo que realiza sua essência. “*Selbstvollzug der Kirche*” significa, portanto, realização, cumprimento pleno do que a Igreja é.

⁶⁷ K. RAHNER, “*Pastoraltheologie - ein Überblick*”, *op. cit.*, SW 19, pp. 6-7.

*Igreja, desenvolve os princípios (e na medida do possível os concretiza em imperativos), segundo os quais a Igreja nesta determinada situação (ou seja, sempre atual) auto-realiza-se e leva a cabo sua atividade de salvação*⁶⁷.

A teologia prática tem como objeto próprio a vida total da Igreja ou, dito de outro modo, a auto-realização da Igreja em sua totalidade. Isto inclui, por um lado, as distintas dimensões nas quais a Igreja auto-realiza-se, como, por exemplo, o culto litúrgico, o anúncio da Palavra, os sacramentos, a catequese, a vida eclesial do indivíduo, etc.; e, por outro lado, os diferentes sujeitos desta auto-realização: ministros, leigos, comunidade local, grupos eclesiais, Igreja em geral etc.⁶⁸ Rahner sintetiza: “O objeto da teologia prática são todos e tudo na Igreja, ou seja, *todos* os que são sujeitos da auto-realização da Igreja [...]. Seu objeto é *tudo*; ou seja, a auto-realização da Igreja em *todas* as suas dimensões”⁶⁹.

Ora, a teologia prática tem como objeto esta auto-realização da Igreja em todas as suas dimensões, mas “na medida em que é considerada no encontro com a situação presente”⁷⁰. A Igreja, enquanto tem que realizar-se aqui e agora, é o ponto de vista formal desta disciplina ou, dito de outro modo, “a condicionalidade da realização da Igreja através da situação presente”⁷¹. A teologia prática preocupa-se com princípios da auto-realização da Igreja, emanados da dogmática, da teologia moral e do direito canônico, mas enquanto os compreende em sua atualização e concretização na situação presente da Igreja⁷². Assim, ela não deixa de estar em sintonia com a dimensão essencial da Igreja, pois somente é possível saber o que a Igreja deve fazer na medida em que sabemos o que ela é; não se trata de um saber genérico do que deve fazer sempre, mas sim do que deve fazer aqui e agora⁷³.

A Igreja é uma instituição histórica que não existe simplesmente numa forma de concretização sempre igual. Ela deve acontecer na história de forma sempre nova. Explicando a densidade teológica que tem este acontecer histórico da Igreja, Rahner afirma: “Seu acontecimento não é simplesmente o presente de seu ser que dura em uma temporalidade e espacialidade que permanece externa a ela, mas sim a forma histórica de sua essência, que se dá somente uma vez, e que está destinada a ela pelo Espírito através

⁶⁸ Cf. *ibidem*, pp. 6.8.

⁶⁹ K. RAHNER, “*Die praktische Theologie im Ganzen der theologischen Disziplinen*”, SW 19, pp. 503-515; 506.

⁷⁰ K. RAHNER, “*Pastoraltheologie - ein Überblick*”, *op. cit.*, SW 19, p. 12.

⁷¹ H. SCHUSTER, “*Wesen und Aufgabe der Pastoraltheologie als praktischer Theologie*”, HPth I, pp. 93-120; 98. Ainda que estejamos analisando a concepção de teologia prática em Rahner, citamos Schuster nesta sua contribuição que está no início do primeiro volume do HPth, por considerar que sua concepção está em sintonia com a de Rahner.

⁷² Cf. K. RAHNER, “*Pastoraltheologie - ein Überblick*”, *op. cit.*, SW 19, p. 8.

⁷³ Cf. *ibidem*, p. 18.

⁷⁴ K. RAHNER, *Die Praktische Theologie im Ganzen*, *op. cit.*, SW 19, p. 505.

de sua situação histórica⁷⁴.

O fato de ser a Igreja de Cristo, sacramento de sua vitória escatológica, não anula a tarefa própria que ela tem na história, a responsabilidade de sua liberdade, a capacidade de tomar decisões e, portanto, a possibilidade de mudança. A situação presente tem para a Igreja um significado teológico, como chamado imediato de Deus, do qual ela não pode afastar-se⁷⁵; é o horizonte histórico fundamental onde Deus se autocomunica livremente à pessoa humana. A situação presente é um momento interno na ação livre da Igreja, em sua capacidade de decisão; é situação da própria Igreja, a qual é querida e dada a ela por Deus. Esta situação presente só é compreendida e valorizada corretamente no horizonte da vontade de Deus, e não como mero horizonte neutro.

Não é possível, a partir apenas dos princípios essenciais da fé católica e mediante um processo dedutivo, determinar o modo como a Igreja deve atuar na situação presente; as normas concretas do atuar “não podem ser, nem de fato são, meras conseqüências lógicas dos princípios da fé, mas levam inerente a irrepetibilidade do histórico concreto e do ato livre que as estabelece⁷⁶”.

Esta situação presente deve ser entendida em duas direções: por um lado, a situação interna da própria Igreja e, por outro lado, a situação do mundo no qual e para o qual a Igreja vive⁷⁷.

3.2. *A análise teológica da situação presente*

Para a tematização de seu objeto específico, a teologia prática recorre à análise teológica da situação presente da Igreja. Tal análise é necessária por várias razões: em primeiro lugar, porque a teologia prática não pode tomar uma análise deste tipo de alguma das ciências que versam sobre a essência, pois elas não têm meios para realizá-lo⁷⁸. Em segundo lugar, para evitar que a teologia prática seja um mero receituário prático para a práxis pastoral, sem capacidade de situar-se criticamente diante desta; e, em terceiro lugar, para evitar uma análise da situação sem seriedade científica⁷⁹. Rahner descreve com nitidez como se dá correntemente esta análise superficial da situação da Igreja: “Basta que se escute com certa atitude crítica como os homens de Igreja, párocos e bispos, descrevem a situação quando tentam fazê-lo com firmeza. A descrição costuma compor-se de duas partes: a

⁷⁵ Cf. SCHUSTER, *Wesen und Aufgabe*, op. cit., HPth I, pp. 99-100.

⁷⁶ K. RAHNER, *Cambio estructural de la Iglesia*. Madrid: Cristiandad, 1974 [doravante citaremos com a sigla CE], p. 16.

⁷⁷ Cf. K. RAHNER, “*Pastoraltheologie - ein Überblick*”, SW 19, p. 8.

⁷⁸ Cf. SCHUSTER, *Wesen und Aufgabe*, op. cit., HPth I, p. 99.

⁷⁹ Cf. CE, pp. 25-26.

descrição de uma situação que estas pessoas superam brilhantemente, na qual fazem com todo êxito exatamente o que deles se necessita, e a descrição de um mundo no qual a fé e a moral vão em contínua queda e contra o qual nada ou pouco se consegue. O mundo, o mundo real *intermédio*, falta nessa descrição, que procede de uma experiência irreflexa; o mundo que apresenta tarefas ainda não resolvidas pelos homens de Igreja, que são realmente novas e oferecem sem dúvida a possibilidade de levá-las a cabo. Ao não perceber claramente este mundo, a consciência própria da Igreja concreta converte-se muito freqüentemente em uma curiosa mistura de obstinado conservadorismo (sabe-se de sobra o que se deve fazer e isso é feito muito bem) e um desespero não confessado⁸⁰.

A análise da situação presente deve ser teológica, pois somente uma tal análise atende ao ser complexo da realidade presente como realidade teológica, como presente que é dado da história de salvação da própria Igreja. O teólogo pode e deve auxiliar-se das ciências profanas para realizar esta análise, mas tem que integrar estes conhecimentos em uma síntese teológica⁸¹. Então, a análise da situação presente, à qual a teologia prática recorre, não deve ser entendida como uma ciência auxiliar que prepara a reflexão propriamente teológica, mas sim como momento interno, pois tal reflexão deve clarificar teologicamente o presente.

A análise da situação presente deve prestar atenção, por um lado, à situação interna da Igreja e, por outro, à situação do mundo, esclarecendo de que modo esta situação está ordenada para a realização do ser histórico da Igreja, seja como sua condição de possibilidade, seja como contradição com esta realização⁸². Esta análise deve tematizar três complexos de perguntas: em primeiro lugar, aquelas perguntas relacionadas com a situação e a estrutura do mundo em sua totalidade; em segundo lugar, aquelas perguntas relacionadas com a situação e estrutura atual das distintas sociedades humanas, pois a Igreja, querendo ou não, convive com outros grupos e instituições religiosas; e, em terceiro lugar, aquelas perguntas relacionadas ao indivíduo no mundo de hoje, na medida em que este está integrado sempre na sociedade profana e porque a Igreja interessa-se pela função do indivíduo em sua auto-realização (da Igreja)⁸³.

3.3. A finalidade da teologia prática

A teologia prática tem como finalidade “a *planificação* da auto-realização da Igreja para o presente e para o futuro”⁸⁴. Esta planificação é distinta da

⁸⁰ *Ibidem*, 26.

⁸¹ Cf. *ibidem*, p. 25.

⁸² Cf. K. RAHNER, “*Pastoraltheologie - ein Überblick*”, *op. cit.*, SW 19, p. 8.

⁸³ Cf. SCHUSTER, *Wesen und Aufgabe*, *op. cit.*, HPth I, pp. 101-102.

⁸⁴ *Ibidem*, p. 104.

simples tática pastoral que não se situa em um contexto global da Igreja, mas que está orientada à práxis concreta e específica somente do clero. Não se trata de atualizar uma determinada forma de vida eclesial que substitua a atual, mas sim de possibilitar a reação da Igreja diante das exigências que a situação presente manifesta. Uma tal planificação que ajude a estabelecer prioridades na ação eclesial é necessária, pois a estratégia salvífica de Deus, cuja graça é infinita, não é igual à da Igreja que conta com meios limitados e forças finitas. Outra exigência desta planificação é que deve ser feita a tempo, quando ainda se dão as condições e possibilidades para levar adiante uma mudança⁸⁵.

A partir da análise teológica da situação presente, a teologia prática oferece à Igreja imperativos e diretrizes para a planificação da estratégia global, os quais não têm o caráter de normas e leis absolutas, mas são propriamente uma “oferta” ao povo de Deus e, especialmente, aos sujeitos da missão⁸⁶. Estes imperativos são de natureza carismática e têm um caráter profético-decisional. Seveso comenta: “No imperativo profético, o momento racional está presente e é superado na livre decisão; não se trata portanto nem de uma dedução de premissas comprovadas nem de um simples decisionismo arbitrário, desde o momento em que não existe sem uma intelecção da verdade; além disso, também não pode entender-se como o resultado de uma combinação entre a eclesiologia dogmática e o conhecimento da situação; no imperativo profético radica a indeduzibilidade da razão prática com relação à razão teórica e sua unidade na unidade do sujeito”⁸⁷.

Por esta natureza particular dos imperativos, a estratégia global da Igreja deve tomar distância, tanto das utopias intramundanas, que chegam a suas conclusões de modo totalmente lógico e racional, quanto daquela forma de ciência de planificação eclesial que quer planificar tudo em um pastoralismo apriorístico, que crê não precisar levar em consideração a situação presente da Igreja⁸⁸.

A teologia prática oferece à Igreja estes imperativos como orientação de sua estratégia global, mas não diz respeito a esta disciplina teológica a atualização de tais imperativos. A tomada de decisões diz respeito às instâncias que têm na Igreja um papel de governo. Dito de outro modo, à teologia prática cabe a investigação que tem como resultados os imperativos, e ao governo eclesial, a implementação da estratégia global inspirada nesses imperativos⁸⁹.

⁸⁵ CE, p. 64.

⁸⁶ Cf. K. RAHNER, “*Stichworte aus dem Lexikon der Pastoraltheologie: Pastoraltheologie*”, SW 19, pp. 489-499; 491.

⁸⁷ SEVESO, *Teologia pastoral*, op. cit., p. 91.

⁸⁸ SCHUSTER, *Wesen und Aufgabe*, op. cit. HPth I, p. 105.

⁸⁹ K. RAHNER, “*Pastoraltheologie - ein Überblick*”, op. cit., SW 19, p. 15.

3.4. A relação da teologia prática com as outras ciências

É importante assinalar que no esclarecimento da relação da teologia prática com as ciências em geral e com as outras ciências teológicas em particular, está em jogo seu caráter de ciência propriamente dita, no sentido de que tem um objeto material e formal próprio, distinto das outras ciências; e, por conseguinte, isto tem que ver com a defesa de seu estatuto como disciplina universitária. A relação pode dar-se dos seguintes modos⁹⁰:

a) como o todo se relaciona com suas partes: é a relação que ela tem, por exemplo, com a homilética, a catequética, a missiologia, a liturgia.

b) como uma ciência relaciona-se com outra que, apesar de examinar os mesmos objetos materiais, o faz em um nível distinto de atualização e concretização: é a relação existente com as ciências que versam sobre a essência (*Wesenswissenschaften*) (a dogmática em geral e a eclesiologia dogmática em particular), que examinam a auto-realização da Igreja somente a partir de seu ser abstrato. A teologia prática, ao contrário, examina esta auto-realização na situação presente. Estas disciplinas teológicas que versam sobre a essência são fundamento, pressuposto, horizonte e padrão da teologia prática. Por sua parte, a teologia prática faz-lhes notar que a tarefa que lhes cabe não é a-histórica ou historicista (no sentido de que não se colocam a pergunta pelo anúncio hoje), e que suas conclusões não são uma sabedoria sempre válida no tempo, mas devem antes ser realizadas em uma situação concreta do mundo e da Igreja; devem ser atualizadas em sua globalidade⁹¹.

c) como uma ciência relaciona-se com outra que tem objetos materiais e fontes de conhecimento e normas diferentes: é a relação existente entre teologia prática e ciências profanas. Esta relação só é negativa quando os objetos materiais são totalmente diferentes, como acontece com as ciências profanas não antropológicas; e pode ser positiva pela comunhão de objetos materiais e, neste caso, a relação é a de uma ciência com suas ciências auxiliares. Nesta última situação estão, por exemplo, a psicologia, a sociologia, a ciência histórica.

d) como uma ciência relaciona-se com as outras que examinam os mesmos objetos materiais, mas sob um ponto de vista totalmente distinto: é o caso da relação da teologia prática com a pedagogia cristã, por exemplo, pois nesta se trata direta e formalmente da formação dos jovens; este processo de formação faz parte da realização do ser da Igreja e de seus membros. Deve também incluir-se aqui – na nossa opinião – a relação com o direito canônico, pois a teologia prática e o direito canônico têm dentro de seu âmbito temático o direito da Igreja, mas sob

⁹⁰ Cf. *ibidem*, pp. 18-20.

⁹¹ Cf. K. RAHNER, *Die praktische Theologie im Ganzen, op. cit.*, SW 19, p. 511.

pontos de vista diferentes. O direito canônico tem como seu objeto próprio o direito vigente da Igreja (*lex condita*) e a história do mesmo; a teologia prática, ao contrário, ocupa-se do direito que deve ser e que ainda não existe (*ius condendum*), ou seja, o direito em perspectiva de futuro; a teologia prática tem um papel crítico diante do direito vigente e deve suscitar o debate sobre o direito que deve ser⁹².

e) como uma ciência com as outras que examinam os mesmos objetos (materiais e formais) em outra fase de tempo, a saber, que examinam o passado em lugar do presente e do futuro: é a relação existente entre a teologia prática e a história da Igreja, na medida em que esta última é a história da salvação acontecida na Igreja. A teologia prática, por sua vez, abarca o presente e o futuro; ela deve assinalar à história da Igreja que esta não pode ser mera curiosidade histórica, mas sim “a constituição crítica da memória do passado da Igreja”⁹³, pois “o que a Igreja carrega atrás de si é *afinal* interessante somente a partir daquilo que a Igreja tem ainda por diante”⁹⁴.

Finalmente, a teologia prática deve fazer duas exigências às outras disciplinas teológicas⁹⁵. Em primeiro lugar, ela exige o reconhecimento de sua originalidade e significado como uma disciplina teológica propriamente dita; em segundo lugar, as outras disciplinas teológicas devem preservar e reconhecer o momento de teologia prática que está e deve estar presente nelas mesmas e isto porque todas as disciplinas teológicas devem estar a serviço da auto-realização da Igreja⁹⁶. Rahner vai ainda mais longe ao apresentar a teologia prática como princípio organizativo da teologia em geral: “Quando se reconhece à razão prática [...] uma prioridade, pela qual e na medida em que ela é o fato de estar junto a cada ação de auto-realização que significa salvação, e isto de modo reflexivo, [...] então pode-se conceder à teologia prática, como à representante da auto-reflexão desta razão prática na Igreja, uma prioridade na teologia como totalidade”⁹⁷.

3.5. Cientificidade da teologia prática

Apesar de vários dos elementos que analisaremos em seguida já terem sido tratados, parece-nos importante dar especial atenção à cientificidade da teologia prática na concepção de Rahner.

A teologia prática é ciência propriamente dita porque tem um objeto material próprio: a auto-realização da Igreja; e um ponto de vista formal próprio: a auto-realização da Igreja no presente e no futuro. A reflexão que

⁹² Cf. SCHUSTER, *Wesen und Aufgabe*, op. cit., HPth I, pp. 113-114.

⁹³ K. RAHNER, *Die praktische Theologie im Ganzen*, op. cit., SW 19, p. 509.

⁹⁴ *Ibidem*, p. 513.

⁹⁵ Cf. *ibidem*, p. 508.

⁹⁶ Cf. *ibidem*.

⁹⁷ K. RAHNER, *Stichworte aus dem Lexikon*, op. cit., SW 19, pp. 492-493.

ela realiza de modo científico-sistemático é de natureza inderivável enquanto é uma **reflexão para uma decisão**. Nenhuma das outras ciências teológicas pode realizar esta tarefa com os meios de que dispõe.

Ela tem um significado prático porque, a partir da análise da práxis de auto-realização da Igreja, assim como se dá no presente, elabora os imperativos para a estratégia global da Igreja, que deve orientar a práxis de cada Igreja particular. Dada esta proximidade íntima com a práxis eclesial, Rahner afirma que não é a Universidade o único lugar onde se pode fazer teologia prática; ela deve estar presente na trama viva da vida eclesial; “porque a teologia prática preocupa-se com a ação da Igreja e porque finalmente somente na ação mesma é dada a autocerteza final para esta ação no que se refere à Verdade de Deus, a teologia prática não pode ser compreendida somente como ‘universitária’. Ela não deve ocupar-se somente com a Igreja [...], mas deve também provir dela”⁹⁸.

A teologia prática é **teoria** também quando é um momento da práxis da Igreja; mas não é teoria como o são as ciências que versam sobre a essência, mas de um modo totalmente próprio como “discernimento do Espírito em função da decisão”⁹⁹. Isto implica um elemento profético e outro político.

A teologia prática tem uma função crítica em duas direções¹⁰⁰: em relação à práxis da Igreja, ajudando-a a superar sua auto-realização assim como é dada e que é sempre deficiente; e em relação às outras disciplinas teológicas, pois lhes pergunta se contribuem suficientemente para uma decisão real para a auto-realização da Igreja, desempenhando a teologia prática assim um papel hermenêutico¹⁰¹.

Finalmente, a teologia prática é ciência porque tem um método próprio, determinado por três momentos¹⁰²: o primeiro é a referência aos dados que as ciências que versam sobre a essência apresentam no que se refere à auto-realização da Igreja (o ser essencial da Igreja, os sujeitos da ação eclesial, as estruturas formais fundamentais, os princípios antropológicos, etc.); o segundo momento é constituído pela análise teológica da situação presente; e, finalmente, a definição dos imperativos para a estratégia global da auto-realização da Igreja no presente e no futuro.

4. Análise crítica

4.1. O mais relevante da contribuição de Rahner

⁹⁸ *Ibidem*, p. 491.

⁹⁹ K. RAHNER, *Die praktische Theologie im Ganzen*, op. cit., SW 19, p. 505.

¹⁰⁰ Cf. *ibidem*.

¹⁰¹ Cf. MIDALI, *Teologia pastorale*, op. cit., p. 166.

¹⁰² Cf. SCHUSTER, *Wesen und Aufgabe*, op. cit., HPth I, p. 102.

Parece-nos que a maior contribuição de Rahner está em pôr os alicerces que não poderão faltar em uma concepção de teologia prática. Estes são: primeiro, a explicitação mais clara dos objetos material e formal, e, de modo mais geral, a fundamentação da teologia prática como ciência; segundo, a retomada e elaboração criativa da dimensão escatológica da auto-realização da Igreja; terceiro (e é sua contribuição mais original), a análise da situação presente como momento interno da teologia prática. Analisaremos mais detalhadamente estes três elementos.

4.1.1. O caráter científico da teologia pastoral

Como analisamos mais acima, um dos problemas principais em relação à cientificidade da teologia pastoral tem a ver com a relação teoria-práxis. Anton Graf deu um grande passo em relação a Rautenstrauch e Schleiermacher ao defender o caráter teórico (e não somente prático) desta disciplina. Contudo, deixava-se entrever em sua posição uma desvalorização da práxis concreta como lugar da verdade, não conseguindo fugir a um posicionamento dedutivo: da teoria à práxis. Parece-nos que Rahner dá um passo mais na linha de uma relação dialética entre teoria e práxis. A teologia prática tem que tematizar a práxis de auto-realização da Igreja assim como se dá agora – através da análise da situação presente – para cumprir sua finalidade prática de apresentar imperativos para a estratégia global da Igreja.

A contribuição de Rahner significa também um avanço no sentido de definir e explicitar melhor o objeto próprio da teologia prática. Em primeiro lugar, em continuidade com Graf, ao definir como seu objeto material próprio a auto-realização da Igreja em sua totalidade, supera o estreitamento clericalista da teologia pastoral de Rautenstrauch; em segundo lugar – e aqui nos parece encontrar o maior avanço – explicita melhor o ponto de vista formal da teologia prática enquanto ciência que se preocupa com a auto-realização da Igreja no **presente** e no **futuro**. Mesmo que esse ponto de vista formal estivesse já presente em Graf, não foi a ele que se chamou mais atenção na hora de acolher a contribuição deste teólogo, o que dificultou perceber em sua concepção de teologia prática a diferença entre a eclesiologia dogmática e a teologia prática. Rahner preocupa-se em esclarecer esta diferença, dada pelo ponto de vista formal de ambas as ciências. Esta explicitação da relação da teologia prática não somente com a eclesiologia dogmática, mas também com o conjunto de ciências teológicas e profanas, significa uma grande contribuição de Rahner. É especialmente interessante a exigência que a teologia prática apresenta às outras ciências teológicas, de reconhecer o momento de teologia prática presente nelas como momento interno. A teologia prática não é uma ciência que começa a conviver pacificamente com as outras ciências teológicas, mas tem, ao contrário, um papel crítico diante delas.

4.1.2. A retomada da dimensão escatológica da auto-realização da Igreja

Uma das preocupações fundamentais que acompanhou a história da teologia pastoral foi como evitar o perigo de uma práxis acrítica de si mesma, transformando-se assim em uma práxis ideológica. Os caminhos de saída foram procurados a partir de dois ângulos complementares: Por um lado, na fundamentação teológica começada por Sailer, continuada por Graf e aprofundada consideravelmente por Arnold, e isto, sobretudo, na compreensão da missão da Igreja como uma **mediação** de salvação. Por outro lado, parece-nos que querer destacar o estatuto teórico da teologia prática que, primeiro Graf e depois Rahner, levam a cabo, tem a ver com a necessidade de que a teoria se estabeleça como instância crítica da práxis. Para Rahner, a dimensão escatológica da auto-realização da Igreja é fundamental para uma teologia prática que possa ser crítica do mundo e autocrítica da práxis e da reflexão da Igreja. Está posto o alicerce, mas se deve construir a casa sobre ele. Como se faz para que o olhar sobre o mundo e sobre a Igreja não seja idealista? Como fazer para que a teologia não justifique somente a práxis da Igreja, com o perigo de transformar-se em ideologia?

Parece-nos vislumbrar duas pistas interessantes para responder às perguntas apresentadas acima. A primeira tem que ver com a **mística**. Rahner afirma que a Igreja deve transformar-se em uma comunidade de espiritualidade autêntica (desafio que se apresenta, portanto, também à teologia), ou seja, que se ocupe antes de mais nada e sobretudo com Deus. A Igreja deve falar de Deus; falar dele para dar-lhe glória, pois somente assim pode mostrar realmente seu caráter profético e seu poder libertador¹⁰³. “Quando em uma esperança última a pessoa humana entrega-se incondicionalmente ao verdadeiro Deus para além de todas as realidades concretas manejáveis, entra então verdadeiramente em sua liberdade última, que é plenificada por Deus mesmo e comporta ainda uma felicidade oculta quando em nosso desespero não podemos fazer-nos conosco mesmos e com este mundo”¹⁰⁴.

A outra pista dá-nos J.B. Metz, discípulo de Rahner, e tem a ver com o a partir de onde deve ser realizada a análise da situação presente. Para este autor, a única forma de aproximar-se da história enquanto ela é sempre o inacabado, o fracassado que tem um sentido enquanto superação desse fracasso no futuro escatológico, é situar-se nela a **partir do sofrimento**, ou seja, a partir da solidariedade com os pobres, os insignificantes, os marginalizados, os sofredores em geral. O sofrimento não se situa no **já** do Reino, mas sim no **ainda não** que impede identificar qualquer realização humana com a realização do Reino escatológico. Isto significa olhar para o mundo e para a história a partir do **ainda não** do Reino, o que nos obriga à crítica e à autocrítica permanente. A consciência da Igreja no presente tem uma referência ao passado enquanto memória da paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo, e ela é sempre uma memória “perigosa” porque é desestabilizadora dos sistemas e realidades existentes. Esta memória

¹⁰³ Cf. CE, p. 107.

¹⁰⁴ *Ibidem*, p. 108.

perigosa não fica ancorada no passado, mas ao contrário, recorda um acontecimento futuro. Ela recorda um futuro que ainda não se realizou e que questiona radicalmente o presente, quebrando-se o encanto de uma história compreendida como história dos vencedores, interpretada evolucionística ou dialeticamente. Deste modo, o **já** deve ser compreendido no **ainda não**, ou seja, a existência da salvação deve ser acolhida e compreendida na esperança. Somente assim Deus aparece em sua liberdade escatológica, como sujeito e sentido da história¹⁰⁵.

4.1.3. A análise da situação presente

Gostaríamos de destacar dois elementos importantes que estão por trás desta análise. Parece-nos, em primeiro lugar, que Rahner vai além da leitura dos “sinais dos tempos” que o Vaticano II propõe. É necessária uma análise mais global da situação presente, que integre os níveis mais macro, mas que não descuide da situação dos indivíduos e dos grupos. A missão da Igreja de ser mediadora de salvação cumpre-se quando ela se põe a serviço do homem e do mundo, poderíamos dizer, a serviço da auto-realização do homem e do mundo. No centro dessa mediação de salvação está o anúncio do Evangelho. Para que este seja acolhido e compreendido, a Igreja deve conhecer os destinatários deste anúncio: o que é que esperam, quais são suas perguntas, quais suas feridas, para onde apontam suas esperanças. Esta compreensão necessita do olhar, do conhecer mais a fundo, aqui se situa então a análise da situação presente.

Em segundo lugar, é interessante perceber que, sendo esta uma análise da situação presente do mundo e da Igreja, há uma concepção da relação Igreja-mundo que é uma novidade em relação ao Vaticano II. No pensamento do Concílio, a Igreja deve estar a serviço do mundo, assumindo suas alegrias, dores e esperanças. É nesse serviço que se entende a realização de sua missão de ser mediadora da salvação. Mas o mundo continua sendo uma realidade que está diante da Igreja. No pensamento de Rahner, a Igreja é também mundo, ela supõe o mundo. Portanto, o olhar que se deve dar para conhecer não é somente um olhar para o mundo que está na frente, mas também para o mundo que a própria Igreja é. Isto nos põe em guarda com relação a um olhar ingênuo, acrítico que nos leva a pensar que o Evangelho deva ser anunciado somente para fora e que nos faz passar por alto o **ainda não** da própria Igreja.

4.2. Algumas fragilidades da contribuição de Rahner

4.2.1. O sujeito da ação pastoral

¹⁰⁵ Cf. J. B. METZ, *A fé em história e sociedade: estudos para uma teologia fundamental prática*, São Paulo: Paulinas, 1980, pp. 116-137.232-237.

Como vimos anteriormente, já em Amberger, discípulo de Graf, experimenta-se um retrocesso no modo de compreender o sujeito da ação pastoral. O forte clericalismo da teologia pastoral anterior a Graf reaparece também depois dele. O mérito de Rahner (também de Arnold) está em ter acolhido e retrabalhado esta perspectiva eclesiológica de Graf no sentido de que todos os membros da Igreja são sujeitos da ação pastoral; um sinal disso é o fato de ter acolhido a intuição de Graf no sentido da mudança de nome desta disciplina (teologia “prática” em lugar de teologia “pastoral”).

Contudo, percebemos um problema em relação ao sujeito que atualiza a estratégia global da Igreja. Existe na proposta de Rahner uma justaposição de eclesiologias diferentes: de um lado, uma eclesiologia de comunhão em que todos são sujeitos da ação eclesial e, por outro lado, uma eclesiologia hierárquica, pois, na hora da atualização da estratégia global, tudo fica nas mãos do governo eclesiástico. Supera-se o estreitamento clerical quanto ao sujeito da ação pastoral, mas dá a impressão de que se mantém tal estreitamento quanto ao sujeito da **decisão** pastoral.

4.2.2. Necessidade de explicitar o método da teologia pastoral

A falta de explicitação do método desta disciplina teológica é talvez a maior deficiência que percebemos no transcurso da história da teologia pastoral.

Rahner avança ao assinalar alguns momentos da tarefa da teologia prática: a análise da situação presente - imperativos para o presente e para o futuro da auto-realização da Igreja -, o desenho de uma estratégia global. Entretanto, não fica claro como se dá a conexão com as ciências que tratam da essência, com a Sagrada Escritura, com as ciências auxiliares. Não fica claro qual é a estrutura formal da análise da situação presente¹⁰⁶. Questiona-se também o caráter propriamente teológico da análise na medida em que não se estrutura segundo o itinerário argumentativo Escritura-Magistério-Tradição-reflexão teológica¹⁰⁷. Outra objeção tem a ver com a falta de delimitação precisa entre análise sociológica e interpretação teológica, pois o primeiro aparece apenas como justaposto ao momento teológico. Mais em geral, parece problemática a assunção de dados e métodos empíricos na reflexão teológico-pastoral¹⁰⁸.

5. Conclusão

Parece que estamos diante de uma concepção de teologia prática consisten-

¹⁰⁶ Cf. SEVESO, *Teología pastoral, op. cit.*, pp. 92-93 e MIDALI, *Teologia pastorale, op. cit.*, p. 171.

¹⁰⁷ Cf. *ibidem*, p. 94.

¹⁰⁸ MIDALI, *Teologia pastorale, op. cit.*, p. 171.

te e criativa. Rahner pôs alicerces firmes sobre os quais deve-se continuar construindo.

Nas universidades européias, sobretudo nas de língua alemã, propõe-se como um desafio para a teologia pastoral a necessidade de sair da Universidade e conectar-se com a vida mais concreta da Igreja. Tem-se a impressão de que o desafio para a América Latina é o contrário: levar a reflexão teológico-pastoral para as aulas universitárias, acolhendo-a como uma ciência teológica dentro do currículo de estudos. Deste modo, uma teologia pastoral universitária, vinculada à vida da Igreja, poderia ser extraordinariamente iluminadora na hora de responder à pergunta: “o que a Igreja tem que fazer hoje?”

(Tradução do original espanhol por Claudio Paul)

Alex Wilfredo Viguera Cherres SSCC, chileno, bacharelou-se em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Chile (Santiago). Obteve o grau de mestre na área de Teologia da práxis, em 1999, no Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus (Belo Horizonte). Atualmente é professor adjunto da Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Chile (Santiago) e formador da Comunidade Interprovincial de professores da Congregação dos Sagrados Corações (Santiago) e assessor do Centro Pastoral Juvenil Alameda (Santiago do Chile).

Endereço: San Juan 4476, comuna san Joaquín
Casilla 723, *Santiago* - Chile
e-mail: aviguerc@puc.cl